

Auto Revelações TransIdentitárias

Henry Krutzen¹

Meu pai nasceu no dia 23 de dezembro de 1926, na pequena cidade de Geleen, no Limburgo holandês. Recebeu três nomes: Jan Jozef Gustaaf, mas seria sempre chamado de Gus na família dele. A família se mudou para a cidade maior de Maas-tricht e plantou raízes lá. Não sei muitas coisas sobre a infância do meu pai, fora do fato que ele oficia como coroinha durante anos numa das igrejas da cidade. Meu avô era construtor de igrejas e construiu a maioria das igrejas da região, ainda visíveis hoje para quem visita o Limburgo. Uma das mais antigas lembranças do meu pai era quando o bispo chegava em casa para conversar com meu avô e, sobretudo, conseguir descontos enormes sobre as obras em construção. Meu avô, que era muito impressionado de ter a presença do bispo na casa dele, acatava e o resultado era que trabalhava quase de graça para satisfazer o bispo. Meu pai jurou que isso nunca ia acontecer na vida dele, E de fato, nunca aconteceu...

Mas a vida do meu pai começou verdadeiramente quando a segunda guerra mundial foi declarada e que os nazistas invadiram os Países Baixos em maio de 1940. Ele tinha 13 anos. A sua adolescência ia acontecer durante o conflito. Cinco anos depois, no fim de 1945, ele ia fazer 18 anos e já tinha a nacionalidade militar americana, sendo tenente-coronel do exército americano. Nunca falou diretamente desse período crucial da vida dele. Construí pacientemente um quebra-cabeça para ter uma ideia dos eventos desses anos da vida dele, mas a grande particularidade permanece o segredo. Teve uma vida secreta e essa vida continuou bem depois do fim da guerra mundial, com atividades ligadas aos serviços de inteligência americanas. Essa dimensão do segredo e do não-dito – até do não poder ser dito – me acompanhou durante minha vida toda. Me lembro, por exemplo, que, quando tive que fazer a famosa redação que todas as crianças do nível fundamental faziam na época, com o título “Meu pai”, iniciei meu trabalho da maneira seguinte: “meu pai é engenheiro” e fui incapaz de continuar, porque não sabia o que dizer. O ar estava

¹ Psicólogo e Psicanalista, membro da IARPP Internacional. Contacto: henrykrutzen@gmail.com

cheio de segredos e ele tinha me dito que se alguém perguntasse sobre a profissão dele, eu deveria responder “engenheiro”.

Depois da guerra meu pai foi estudar essa famosa engenharia na universidade de Stuttgart, na Alemanha e, depois, fui se instalar na parte flamenga da Bélgica, na cidade de Gent. Não se sabe nada dessa época da sua vida até que um belo dia – ele tinha 28 anos – um amigo dele convidou ele para um casamento na cidade de Namur, cidade importante da Valônia, no sul do país, onde se fala francês. Foi convidado porque era o único que tinha um fraque, dentro dos conhecidos do amigo dele e faltava alguém com esse traje para poder entrar na igreja. Ela foi e entrou na igreja com a minha futura mãe. Ele não falava francês e ela só falava francês. Mas isso não impediu que casassem um ano depois. E, no fim de 1956, cheguei, imigrante de segunda geração na Bélgica.

Eu tinha um passaporte holandês e uma carteira de identidade de estrangeiro, apesar de nunca ter vivido na Holanda e de conhecer muito pouco este país. A gente ia muito pouco de visita em Maastricht porque minha mãe, que não falava a língua, não gostava de ir. Então tive poucos contatos com meus primos e tios holandeses, e meu pai nunca falou a língua de Vondel comigo durante a vida toda. Eu era filho único, falando francês pelo lado da minha mãe e ouvindo meu pai falando umas oito línguas diferentes de maneira rotineira quando estava em casa. O telefone tocava e nunca se sabia qual língua ia ser falado por ele. Pouco a pouco, me dei conta que tinha facilidades para estudar línguas e comecei a estudar outros idiomas. Aprendi o holandês e me viro bem nessa língua, mas nada como se fosse uma língua que teria me acompanhado desde meu nascimento. O resultado foi essa ambivalência identitária: nem exatamente belga, por causa dos documentos e do desejo do meu pai, nem tampouco completamente belga. Quando tinha que falar da minha nacionalidade, sempre ficava com um mal-estar, uma sensação difusa de mentira, de traição, sem por isso saber de que poderia se tratar. Essa sensação estava bem similar àquela que sentia quando tinha que falar da profissão do meu pai, “engenheiro”.

Estava atravessando – sem saber – as vivências dos imigrantes da segunda geração, aqueles que já nasceram no país “adotivo”. Estava carregando uma nuvem indeterminada ao meu redor, sobre quem eu era em relação aos outros ao meu redor. Rapidamente, no ensino fundamental, meus amigos compartilhavam características similares,

nascidos na Bélgica, mas imigrantes da segunda geração. Eram italianos, congoleses e espanhóis². Sem saber porque, tínhamos vínculos diretos, implícitos, procedurais, em nossos encontros. Essas coisas não se explicam, elas simplesmente acontecem.

Abro aqui um parêntese dessa mesma natureza com um encontro que fiz depois da minha chegada no Brasil, uns 45 anos depois. Tive este encontro com um neurologista e psicanalista chileno. Imediatamente ficamos amigos e começamos a estudar a psicanálise relacional juntos. Ele trazia valiosas fontes de neurociências enquanto eu devorava as publicações dos autores clássicos americanos do movimento relacional. Eu era um belga, filho de um holando-americano que tinha emigrado no Brasil, e ele era um chileno, filho de um pai russo, que tinha também emigrado neste mesmo país. Mas não era tudo. O mais estava compartilhando os trechos, por mim conhecidos, da história rocambolesco, no estilo James Bond, do meu pai, o mais ele me contava sobre fatos similares em relação ao pai dele. E terminamos compartilhando a inevitável conclusão – já robustamente comprovada nessa época – meu pai trabalhava para a CIA e o dele para o KGB. Ficamos um momento em silêncio, digerindo esses trechos de informações e o encontro relacional dos inconscientes que nossa amizade comprovava. Tudo que estávamos estudando, sobre psicanálise relacional, inconsciente implícito, dissociações e encenações, estados múltiplos do self e outros conceitos, tudo este conjunto de estudos, de repente, tinha encontrado sua vivência, sua experiência real num encontro ímpar, único. Neste caso, éramos ambos imigrantes da segunda geração – ele nascido no Chile de pai russo, e eu na Bélgica, de pai holando-americano – que tinham emigrado para o Brasil. E ambos tinham vivido num contexto de segredos e de espionagem sem o saber (ele um pouco menos do que eu).

Fechando este parêntese, saímos da Bélgica para ir morar na Suíça onde meu pai encontrara um trabalho bom. Estávamos na parte alemã da Suíça e, com meus dois anos, comecei a brincar com amiguinhos da minha idade e então, aprendi o alemão. Essa experiência durou uns dois anos e depois, voltamos para Bélgica e passei o resto da minha infância e adolescência na Bélgica, na Valônia, na cidade de Charleroi. Esqueci o alemão e tive que estudá-lo de novo durante a adolescência para poder cumprir meu sonho que era de ler Freud e Heidegger nos textos originais. Durante

² Eram os imigrantes mais encontrados na Bélgica durante os anos setenta.

todo este tempo, também quando entrei na universidade, fiquei com essa nuvem presente, esse mal-estar difuso como o ar que respirava sobre minha identidade, se eu era belga ou holandês, ou, quem sabe, suíço? Quis ir estudar na Suíça, mas perdi o prazo de inscrição por um dia, coincidência – mais uma – que me fez “ficar” na Bélgica. Mas, fiquei preso pela ânsia de viagens e comecei a organizar minha vida em função das viagens que cada período de férias me proporcionavam. Economizava dinheiro durante o ano todo para poder pagar os charters que iam me levar para países longínquos, repetindo assim, sem me dar conta, a vida do meu pai. Ele estava ausente durante mais de duzentos dias por ano, sempre num avião ao redor do mundo, fazendo “negócios” durante a vida toda. Eu estava viajando também, o mais possível, buscando não sei o que. Talvez algumas respostas identitárias? Com os primeiros salários de psicólogo – trabalhava num Instituto Medico Pedagógico, com crianças e suas famílias – economizei para viajar e visitar a Austrália. Mas esta viagem era mais do que turismo, saí com a intenção de pesquisar as possibilidades de poder emigrar para lá e trabalhar como psicólogo “down under”. Isso não aconteceu porque não gostei do país para poder viver e trabalhar e tenho medo – ainda hoje – de animais peçonhentos e a Austrália é a verdadeira pátria deles!

Mas então, já estava com essa ideia que minha vida deveria acontecer em alguma outra região do mundo. Pensei na França, na região de Toulouse, mas não tinha nenhum espaço lá para psicólogos “belgo-holando-americano-suíços”. A desculpa era uma busca do sol, por causa do clima depressivo da Bélgica. Mas a razão era identitária, uma busca do sol, sim, mas de um outro tipo de sol (o que não impedia encontrar um lugar onde a temperatura e o clima seriam mais amenos).

Durante os anos sessenta, meus pais me levaram muitas vezes para Portugal – o que não era um destino comum de férias na época – porque meu pai tinha um amigo trabalhando na TAP. Então me familiarizei com a música da língua e brinquei com os filhos do amigo do meu pai e seus primos, mesmo sem saber falar o português. Na época, tinha uma paixão, o futebol, e, naturalmente, era super fã da seleção brasileira que eu admirava nas copas do mundo, assistindo em êxtase às maravilhas dos Pelé, Garrincha, Tostão, Carlos Alberto, Jairzinho, Rivellino, etc. Minha vida estava acontecendo em redor da bola de futebol e quase fiz uma carreira de jogador, só que meus pais não me deixaram entrar nos clubes que poderiam ter

propiciado isso. Depois, na adolescência, descobri o MPB e fiquei louco pela “música brasileira” – imaginando que a música no Brasil era assim em todos os lugares. Minha paixão virou para a música e, de novo, o Brasil estava se destacando como fonte inesgotável de qualidade musical. Este destino foi construído pouco a pouco e não foi tão grande surpresa que terminei casando com uma brasileira e chegando aqui no Brasil em 2001.

O mais interessante é que isso aconteceu pouco tempo depois e ter conseguido a nacionalidade belga, aliás, com muita dificuldade. Como se, no momento que me tornei belga, tive que sair para viver no Brasil como imigrante, nessa vez da primeira geração. Minha filha, imigrante de segunda geração, tendo a nacionalidade belga e brasileira, decidiu ir para Europa, na Bélgica, iniciando também a sua peregrinação identitária.

Depois do encontro com meu amigo chileno-russo, mergulhamos na psicanálise relacional e aí constituí a vertente que eu estava sempre procurando – sem o saber – no meu percurso analítico. Vivi um luto terrível quando a pandemia levou meu amigo, muito cedo, tão cedo! Resolvi continuar nossa pesquisa e dediquei um livro sobre a questão das neurociências e psicanálise relacional, que eu dediquei a ele, para sempre. Continuei o seminário que tínhamos começado no início dos anos 2010, com poucos participantes. Trabalhamos com duas ou três pessoas, mas cheios de paixão com a descoberta dessa psicanálise que não conhecíamos. O seminário cresceu e está agora funcionando facilmente com a energia de uma nova geração de analistas querendo aprofundar essa visão da análise.

É assim que cheguei a ser convidado para participar, como anfitrião, da quinta jornada do Grupo Relacional Ibérico Latino-americano de Psicanálise e Psicoterapia (GRILPP), no sábado 7 de outubro de 2023, sobre o tema de “Para uma clínica da cultura: abertura, encontro, respeito com a diferença”. Neste contexto, houve duas pequenas apresentações que forneceram o incentivo de trabalhos em pequenos grupos sobre o tema escolhido. O primeiro palestrante, Saïd El Kadaoui, apresentou a situação de um emigrante que saiu do seu país de origem, o Marrocos, com sete anos para seguir seus pais que se instalaram na cidade de Barcelona, na Catalunha. A segunda palestrante, Victoria Osornio Tepanecatl, falou da sua história ligada ao povo Naua, e das suas dificuldades com a violência cultural, linguística e estrutural que encontrou no México. Mostrou como a psicanálise relacional ajudou para

“entrar naquilo que lhe foi negado e não nomeado”³.

Os dois palestrantes apresentaram, espontaneamente, posições dialéticas onde, de um lado, houve uma multiplicação dos processos identitários, pelos encontros geográficos e espaciais da vida da pessoa, enquanto do outro lado, o encontro com a violência linguística⁴ e estrutural, o encontro do jurídico com o racismo e o branqueamento, configurou uma luta onde a psicanálise teve um papel preponderante num reconhecimento possível.

Essas duas posições trazem vários conjuntos de movimentos dialéticos, em contextos diferentes. Por exemplo, podemos aqui pensar numa reterritorialização necessária depois das desterritorializações produzidas por fatores psicossociais e políticos, qualquer que seja o lugar de partida do movimento. Não acontece num modelo vertical e a dimensão rizomática poderia oferecer algumas pistas de reflexões (Deleuze & Guattari, 1976). El Kadaoui insistiu sobre a questão do espaço enquanto identidade, acrescentando depois o caráter múltiplo dessa construção. Ou seja, nesse caso, precisamos de um cuidado meticuloso das dissociações inerentes ao processo de emigração, e especialmente, nos casos de segunda geração. Minha nuvem que estava carregando durante a maior parte da minha vida apresentava, sem que eu soubesse, a presença das dissociações que me moldaram desde pequeno com essas questões: quem é meu pai? Quem sou eu? Qual é minha identidade? Não estou aqui falando do roteiro edípico – sem por isso negar a sua existência – mas de uma situação real, vivida através das mudanças de culturas, de idiomas, de contextos sociais, e tudo isso carregando os segredos familiares, traumáticos, inscritos no corpo. Não é por acaso que apresentei, com dois colegas, na universidade, um trabalho sobre o “Anti-Edipo” (Deleuze & Guattari, 1972), na forma de uma representação teatral onde a noção de desterritorialização era central.

Mas depois, houve o encontro com a psicanálise relacional e a revelação dos múltiplos estados do self (Bromberg, 1996) que mudaram minha clínica para sempre. Essa concepção fluida e flexível do processo analítico, com abertura as possibilidades ampliadas de trabalho com a dimensão corporal, abriu um novo espaço onde

³ Citação da palestrante a partir das minhas notas. O texto não foi publicado

⁴ A recusa pela administração mexicana hispânica de registrar o nome indígena da pessoa. “Isso não existe, deve ser um nome espanhol”!

pude elaborar muitas das minhas questões pendentes sobre essa nuvem, os segredos do meu pai e os traumas da minha vida. Essa ideia central de poder circular entre os estados do self trouxe um grande alívio. Junto com os conceitos oriundos das neurociências, como a janela de tolerância, a plasticidade cerebral, a renovação de velhas ideias como a empatia e a intuição construiu um espaço novo para uma circulação possível entre estes estados do self. E, o ponto interessante que esta jornada do GRILPP trouxe para mim, é a possibilidade de transitar também entre as várias identidades que tenho dentro de mim, essa mosaica que me faz aquilo que sou hoje, numa circulação transidentitária, como belgo-holando-americano-suíço, e também, cada vez mais brasileiro.

João Pessoa, 8 de setembro de 2023

Referências

- Bromberg, P. (1996), Standing in the Spaces: The Multiplicity of Self and the Psychoanalytic Relationship. In: BROMBERG, P., *Standing in the Spaces: Essays on Clinical Process, Trauma and Dissociation*. The Psychology Press, 1998.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1972), *L'anti-Oedipe*. Ed. De Minuit.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1976), *Rhizome*. Ed. De Minuit.